

Humor e religião: Porta dos Fundos e a crítica ao monoteísmo cristão¹

Humor and religion: Porta dos Fundos and the criticism against Christian monotheism

Bruno Menezes Andrade Guimarães²

1 Este artigo é parte de um trabalho de dissertação defendido em fevereiro de 2016 pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGGOM) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e orientado pela Profa. Dra. Vera Regina Veiga França.

2 Aluno de doutorado em Comunicação Social do PPGCOM da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Mestre em Comunicação Social pela mesma instituição. Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). É membro do Grupo de Pesquisa em Democracia e Justiça (Margem). Identifica-se com pesquisas relacionadas à política e sua interface com a religião, mídias digitais e marketing. Possui experiência em atividades de pesquisa e extensão com comunidades do município de Viçosa (MG) e na elaboração de projetos gráficos e diagramação de obras literárias e livros didáticos. E-mail: brunomenezesag@gmail.com.

Resumo

O humor é utilizado como ferramenta para contestar aspectos sagrados do cristianismo desde o período dos gregos mais antigos. O presente artigo examina de quais maneiras o canal de humor do YouTube Porta dos Fundos utiliza espaços de visibilidade on-line para se opor ao discurso religioso cristão monoteísta e, dessa forma, criar novos significados para esse dogma de sustentação cristã, católica ou evangélica. As análises estão centradas em torno do vídeo "Deus", publicado na internet em junho de 2013. O vídeo revela o momento pós-morte de uma mulher católica cuja crença consistia na salvação da alma por intermédio do sistema religioso cristão e que, em vias de ser julgada, se depara com uma entidade sobrenatural não familiar. A metodologia utilizada consiste na análise de enquadramentos dos processos interativos. Como resultado, constatamos que o riso funciona como uma espécie de "trote" social que visa suscitar múltiplas interpretações acerca de problemas que não são passíveis de correções materiais, isto é, possui a tendência inerente de corrigir comportamentos tidos, de certo modo, como rígidos.

Palavras-chave

Comunicação, mídia, mídia digital.

Abstract

Humor is used as a tool for contestation of sacred aspects of Christianity since the most ancient Greek period. This article analyzes how the humor YouTube channel Porta dos Fundos uses online places of visibility to oppose the monotheistic Christian religious discourse and, thus, to assign new meanings to such dogma of Christian basis, Catholic or Evangelical. The analyses were based on the video "Deus", posted on the internet in June 2013. The video shows the afterlife moment of a Catholic woman who believed in the salvation of the soul through the Christian religious system and who, near her judgement, was confronted with an unfamiliar supernatural entity. The methodology used is the analysis of framings of interactive processes. As a result, we identified that the mirth is a sort of social "prank" aimed at offering multiple interpretations on problems that are not liable to material corrections, that is, it tends to correct behaviors somehow considered rigid.

Keywords

Communication, media, digital media.

A religião cristã é baseada na fé, na crença em Deus e, conforme as demais religiões ao redor do mundo, em um conjunto de dogmas que dão sustentação à doutrina e designa o que é inquestionável e deve ser seguido mediante a fé (NEWBIGIN, 2016). Um dogma é um “item particular mais importante de uma doutrina religiosa que se apresenta como indubitável” (DOGMA, 2017). Dito isso, para a religião cristã, a unicidade e a veracidade de Deus é um aspecto dogmático ao passo que se trata de uma divindade única, não há outra; possui o conhecimento de tudo, é onisciente; está em todos os lugares, é onipresente; e pode tudo, onipotente (CÉSAR, 2000).

Por sua vez, o humor é uma forma histórica para contestar o discurso cristão que roga para si algumas certezas. De acordo com Elias T. Saliba (2002, p. 17), “o humor brota exatamente do contraste, da estranheza e da criação de novos significados”. Por isso, é para esse “contraste e estranheza” que gostaríamos de dedicar as próximas páginas no intento de compreender uma crítica humorística que cria novos sentidos. Em outras palavras, interessa a forma como o humor atua nas quebras de paradigmas religiosos cristãos da (e na) sociedade contemporânea.

Dito isso, o texto que segue pretende entender em que medida a comicidade é capaz de utilizar espaços de visibilidade para opor-se ao discurso religioso cristão monoteísta e, dessa forma, criar novos significados para esse dogma de sustentação do cristianismo. Para que isso seja possível, faremos uma análise do vídeo “Deus” (2013), publicado no YouTube em junho de 2013, produção do canal Porta dos Fundos que, desde a sua fundação, utiliza aspectos da religiosidade cristã para fazer humor. O vídeo revela o momento pós-morte de uma mulher católica cuja crença consistia na salvação pelo sistema religioso cristão, e que, em vias de ser julgada, se depara com uma entidade sobrenatural não familiar.

Antes, nossa discussão parte de um referencial teórico acerca do humor e do riso. Com o auxílio das obras de Bergson (2004) e Propp (1992), lançamos olhares para quatro observações acerca da comicidade e, em seguida, construímos um princípio do riso importante para dar sentido à análise. Em um segundo momento, falamos sobre a relação de conflito entre o riso e a Igreja Católica em diferentes períodos da história. Conforme Minois (2003), e sem a pretensão de uma revisão

bibliográfica exaustiva acerca da relação entre humor e cristianismo, embarcamos na antiguidade clássica e caminhamos até o presente século a fim de mostrar como o humor sempre esteve disposto a indagar convicções da religião cristã.

Notas acerca do declínio do religioso

Peter Berger e Thomas Luckmann (2004) são enfáticos ao dizer que a era moderna abriga sociedades marcadas por profundas crises de sentido. A visão dos autores exprime uma preocupação sobre a própria estrutura social. O motivo, apontado por eles, está na concepção de que valores sociais comuns não são mais assegurados. De acordo com os autores, sociedades imersas em crises de sentido são aquelas nas quais instituições estão afastadas de sistemas supraordenados de valores, ou seja, já não são mais capazes de oferecer para a vida dos sujeitos uma reserva única de sentidos.

Para Berger e Luckmann (Ibid.) as instituições são responsáveis por criar programas capazes de reger a interação entre diferentes sujeitos em um determinado tempo ou local. Também é atribuída às instituições a capacidade de orientar comportamentos, uma vez que papéis sociais são pré-dispostos de acordo com elas. Ao praticar tais modos prescritos de comportamento, cada indivíduo cumpre com as expectativas ligadas ao seu papel, de modo que não há prejuízo nem para ele nem para determinada instituição, pois, por um lado, o indivíduo conduz sua vida de forma assegurada e não enfrenta problemas com outras pessoas a sua volta, e, por outro, a instituição funciona dentro de um esquema de normalidade por ela mesma estabelecido.

Dessa forma, ao agir institucionalmente, a pessoa não passa por uma constante experimentação de novos sentidos; ao contrário, experimenta o sentido da instituição que, por estar internalizado, é considerado um sentido próprio. Tais programas institucionais são internalizados basicamente durante dois períodos da vida: na "socialização primária", período da infância; e na "socialização secundária", entendida como a fase adulta que introduz o indivíduo em outros papéis, sobretudo no mercado de trabalho (Ibid., 2004).

No presente, nossas relações interpessoais e modos de agir ainda são regidos por programas institucionais. Porém, convivemos com um pluralismo de instituições que trouxe consigo uma grande expansão de possibilidades de orientação de comportamento, fenômeno que diretamente implica descentralização de normas e valores a partir de pequenas outras instituições ou ramificações de instituições.

Berger e Luckmann (Ibid.) apontam que o indivíduo que cresce na sociedade moderna é alguém que se desenvolve em um mundo no qual não há mais padrões estáticos capazes de determinar suas ações nas diferentes áreas da vida. Dessa forma, o pluralismo vai além de um conjunto de possibilidades de viver a vida vinculada a uma ordem superior de normas e valores e aponta para uma infinidade de pequenas “comunidades de vida” que clamam para si um sistema supraordenado de sentido, mas que não é, obviamente, o sistema de sentido dos demais cidadãos membros de outras comunidades de vida. O que se vê hoje, portanto, é a multiplicação de formas de atuação e constituição das instituições.

Diante da fragmentação das instituições, nenhuma interpretação ou perspectiva acerca das questões de mundo, de sociedade e de identidade pode ser assumida como única, tampouco ser considerada inquestionavelmente correta. Essa é a base de uma sociedade pluralista, uma sociedade em que não há uma palavra absoluta. Cada comunidade, seja ela um pequeno grupo ou uma grande instituição, prega um modo de vida diferente baseado em suas próprias verdades, desvinculado de um valor moral universal. Isso pode ser visto como uma grande libertação por parte de indivíduos que antes se sentiam presos a normas de condutas de instituições ditatoriais. Entretanto, não raras vezes, os mesmos indivíduos podem se sentir perdidos em meio a tanta oferta de liberdade apregoada. É a ambivalência trazida por tal condição plural.

No presente artigo interessa-nos a diversificação da instituição religiosa cristã e a perda de certo monopólio da verdade no seio das sociedades ocidentais de modo geral (MARIANO, 2004; 2011; MARTINO, 2016; MONTERO, 2012). O interesse pela religião consiste no fato de que, sem dúvida, trata-se de uma das instituições que mais experimentou e experimenta dinâmicas de pluralismo.

Durante séculos, o catolicismo foi responsável por estabelecer, em diferentes sociedades do mundo ocidental, um modo de vida que dizia sobre tudo e regia maioria esmagadora. A ausência da condição pluralista consistia no fato de que, salvo raras exceções, o mesmo Deus (cristão) dos antepassados certamente seria o Deus de gerações presentes e futuras (CÉSAR, 2000). O catolicismo, porém, diminuiu de tamanho ao longo dos anos, e a religiosidade cristã passou por intensas e complexas modificações (MARIANO, 2004; 2011). É para este novo local da religiosidade cristã na sociedade que gostaríamos de olhar.

A própria formação da nação brasileira se confunde com a implementação da religião católica. Por aproximadamente 300 anos a religião foi considerada como a única religião oficial do país, uma vez que era a única expressão aceita pelo Estado. Exemplo disso é que a Igreja Católica era responsável por prover oficialmente grande parte da educação básica e do atendimento à saúde das pessoas. Contudo, o advento da República em 1889 inaugurou um período que revolucionaria a relação entre Estado e catolicismo. Guiado por princípios de laicidade, isto é, por um "sistema que se baseia no preceito básico de que o poder político e administrativo deve ser exercido pelo Estado e não por igrejas ou ideais religiosos" (LAICIDADE, 2015), instaurou-se no Brasil uma realidade completamente nova até então: o país passa a ser constitucionalmente laico.

Autores acreditam que a expressão "declínio do religioso católico" começou a fazer sentido a partir de então. Segundo o censo de 1940, época em que no país havia cerca de 40 milhões de habitantes, o número de brasileiros autodeclarados católicos era de 95% da população. Hoje, somos mais de 200 milhões de habitantes e o percentual de pessoas católicas encontra-se na faixa de 64%³. Antônio Pierucci (2004) acredita que seja essa a sina de religiões tradicionais majoritárias de todo o mundo: o declínio. Segundo o autor, é natural que, em algum momento da história, desencadeie-se um "processo de desfiliação em que as pertencas sociais e culturais dos indivíduos, inclusive as religiosas, tornam-se opcionais"

3 Dados do IBGE. Disponível em: <http://goo.gl/0kHic5>. Acesso em: 24 mar. 2015.

(Ibid., p. 14). Com isso, os vínculos religiosos que antes eram sólidos tornam-se um pouco mais fluidos e experimentais ao longo de processos de desenvolvimento⁴.

Diante dos impasses acerca da fé e da crença religiosa no presente século, Taylor (2010, p. 500) propõe que:

Qualquer um pode ver que tem havido declínios na prática e na fé confessada em muitos países, particularmente em décadas recentes, e que Deus não está presente no espaço público como nos séculos passados, e assim por diante no tocante a um grande número de outras mudanças. Porém, como entender e interpretar essas mudanças pode não ser tão evidente.

Assim, concentramo-nos na premissa de que a modernidade, particularmente o último século, trouxe um declínio da religiosidade católica. A certeza que faz a obra de filósofos como Taylor (2010) avançar é a de que ideais de equidade e respeito mútuo pela liberdade individual estão cada vez mais presentes no seio das sociedades ocidentais, dinâmica iniciada nos idos da década de 1960. Concepções relativistas estão atreladas a uma modalidade de ética denominada “ética da autenticidade”, segundo o autor, na qual cada pessoa deve cuidar de suas próprias vidas e não criticar o modo de vida adotado pelo próximo, isto é, respeitar as identidades como únicas e autênticas, sobretudo nos âmbitos religiosos. De acordo com as palavras de Taylor (2010, p. 568), “não devemos criticar os valores dos outros porque eles têm o direito de viver suas próprias vidas, assim como tu vives a tua. O pecado não tolerado é a intolerância”.

O presente artigo, gestado nos idos de 2016 e escrito em 2018, busca analisar como o humor e a crítica humorística atua na contestação do discurso cristão que roga para si algumas certezas. A partir de representações que provocam o riso, o humor é capaz de propor diferentes modos de interpretação da realidade

4 Aqui é importante fazer uma distinção entre “declínio” e “fim”. Não é porque o número de adeptos ao catolicismo sofre quedas que a religião católica passa a ser desacreditada por completo. Conforme apontado por Taylor (2010), todos e quaisquer números precisam ser vistos com cuidado a partir de óticas específicas e dentro do contexto no qual estão inseridos, para que seja possível construir assertivas acerca da fé e da crença no cristianismo (o que não é o nosso objetivo no artigo).

para os quais desejamos olhar. Tais modos de interpretação não são aleatórios, ao contrário, são reflexos de um contexto social e de condições reais dos modos de vida dos sujeitos.

O riso como um "trote social"

O filósofo Henri Bergson publicou, no início do século XX, um ensaio sobre a comicidade que atravessaria gerações e se tornaria uma das principais referências bibliográficas para os estudos acerca do riso⁵. Bergson (2004) não se ateve à criação de fórmulas, isto é, não encerrou a invenção cômica em definições intactas. Ao contrário, o autor pensou alguns princípios de existência do riso. Para Bergson (Ibid.), antes de qualquer coisa, é necessário entender o humor como um organismo vivo.

Empenhados nesse objetivo, tomemos como ponto de partida três observações bergsonianas acerca da comicidade. A primeira delas é que "não há comicidade fora daquilo que é propriamente humano" (Ibid., p. 2). A vista de uma janela pode ser "bonita" ou "feia" de acordo com a opinião de quem a aprecia, mas nunca poderá ser risível por si só. Para que provoque o riso, a paisagem precisa sofrer alguma interferência humana. No caso dos animais, rimos de alguns deles, é verdade. Contudo, o riso só surge quando vimos nos animais atitudes ou expressões tipicamente humanas. Já nos objetos, só rimos de uma forma dita "engraçada" porque algum ser humano projetou o objeto e lhe deu tal forma. Por isso, dizemos que o ser humano é um animal que sabe rir ou, então, um animal que faz rir os outros de sua espécie.

A segunda observação importante volta-se à "insensibilidade que ordinariamente acompanha o riso" (Ibid., p. 3). A indiferença é o meio natural de manifestação de uma risada. Em outras palavras, o maior inimigo do riso é a emoção. Algo ou alguém que, por menor que seja, inspire sentimentos de piedade e compaixão desloca nossa

5 Ao todo, três ensaios subsequentes escritos por Henri Bergson foram reunidos e publicados em forma de livro chamado *O riso: ensaio sobre a significação da comicidade*. A primeira edição foi publicada em francês em 1900. Em nossa pesquisa, utilizamos a segunda edição em português do livro, datada de 2004. Por esse motivo, quando for necessário referenciar Bergson, utilizaremos o ano de 2004.

tendência ao riso e a coloca em um local de comoção e, até mesmo, de choro. É por esse motivo que muitas histórias e personagens dramáticos podem ser vistos como ridículos – transformados em comédia – caso nos tornemos insensíveis a eles. Tal é o aspecto cognitivo do riso: para produzir nas pessoas um efeito pleno (risível), a comicidade exige algo como um esquecimento momentâneo de sentimentos emotivos, isto é, o riso é diretamente ligado à inteligência, ao raciocínio.

Nesse aspecto, há uma conexão intrínseca com a terceira observação: a inteligência deve permanecer em contato com outras inteligências (Ibid., p. 4). O terceiro ponto fundante revela que o riso precisa de eco, pois não nos sentiríamos plenos diante da comicidade caso nos sentíssemos isolados uns dos outros. Em tese, nosso riso é sempre cúmplice do riso de outras pessoas ou de um grupo inteiro. Por mais vasto que possa se tornar, o riso exige uma noção de entendimento diretamente atrelada a comunidades de vida ou a contextos sociais mais amplos. Para compreender o riso, portanto, é necessário situá-lo em seu meio natural, que é a sociedade e, sobretudo, determinar a sua função, que deve corresponder a certas exigências de uma vida comum.

Vladimir Propp (1992), em consonância com as três observações bergsonianas, afirma que é impossível estudar o riso de forma isolada. Segundo o autor, o riso ocorre em presença de duas grandezas: um objeto cômico e um sujeito que ri desse objeto. A comicidade, portanto, só se materializa quando ambos se interconectam para provocar o riso. Além disso, a conexão entre tal objeto e a pessoa que ri não é obrigatória nem natural, isto é, o que faz alguém cair em gargalhadas pode não provocar uma risada sequer em outrem. Logo, Propp (1992, p. 38) lança uma quarta observação fundante aos estudos acerca da comicidade: “o riso está ligado a condições de ordem histórica, social, nacional e pessoal”. Cada época e cada sociedade possui seu sentido próprio de humor que, às vezes, é incompreendido em outras sociedades e em outras épocas.

Essas são observações importantes acerca da natureza do riso. A partir de agora, destacamos um método específico capaz de provocar o riso, útil para a análise que virá a seguir. Imagine a cena na qual um homem caminha pela rua,

tropeça em uma pedra e cai. Um passante do local não riria do acontecimento caso o homem tivesse se sentado na calçada por vontade própria. Logo, não é a mudança de *status* que provoca o riso, mas o que há de involuntário nessa mudança, ou seja, a falta de jeito da pessoa que caminhava pela rua. Bergson (2004) aponta que a presença de certa rigidez, quando é de se esperar maleabilidade e flexibilidade, tende a provocar o riso. Por mais que a pedra tenha sido o motivo do tropeço, o homem que caiu é o culpado pelo revés de sua situação, pois falhou em prever, em se orientar, em exercer sua vivacidade.

Em diálogo com a obra de Bergson (Ibid.), Propp (1992, p. 95) traz à tona a questão da "irreflexão humana" sobre a qual é possível criar inúmeras cenas cômicas. Segundo o autor, "ao entregar-se com exclusividade a um pensamento, a pessoa não presta atenção em seus atos, executa-os automaticamente, o que a leva às consequências mais inesperadas". Dito isso, temos que a irreflexão humana é a manifestação da rigidez apontada por Bergson (2004) e, dessa forma, um princípio de existência do riso.

O princípio da irreflexão não abrange todas as situações cômicas com as quais nos deparamos e rimos ao longo da vida. Todavia, exprime o que gostaríamos de evidenciar: é exigido que vivamos de modo não mecânico, pois somos organismos vivos. É temido que cada um de nós se entregue ao automatismo de hábitos adquiridos e se contente em aceitar as condições pré-estabelecidas de uma vida em sociedade. Logo, o exemplo do tropeço revela uma pessoa irrefletida para o fato de que é um organismo vivo que precisa estar sempre em alerta para aquilo que se encontra a sua volta e é capaz de mudar o curso de sua vida. Assim, toda rigidez de comportamento será prejudicial para uma sociedade que, por ser composta por seres vivos, anseia por não ficar estática (BERGSON, 2004; PROPP, 1992).

Ainda de acordo com Bergson (2004), um corpo rígido é sinal de um corpo adormecido, que está entregue a mecanismos prontos, capaz de se isolar e de se afastar da dinâmica da sociedade. Com vistas a essa rigidez, Bergson (Ibid.) explicita que o riso se torna um gesto social que reprime a irreflexão de um corpo

que, se não fosse por ele (o riso), correria o risco de se isolar e se fortificar cada vez mais. O riso, então, é uma espécie de correção social que, enfim, “flexibiliza tudo o que pode restar de rigidez” (Ibid., p. 15).

Nesse sentido, “as atitudes, os gestos e os movimentos do corpo humano são risíveis na exata medida em que esse corpo nos faz pensar numa simples mecânica” (Ibid., p. 22). Em suma, a falta de maleabilidade, a repetição, a visão de um mecanismo a funcionar dentro de alguém são aspectos que abrem uma multidão de possibilidades de se fazer rir. Segundo Santos e Rossetti (2012), “vida” é um dos conceitos fundamentais da filosofia bergsoniana inserida dentro das chamadas filosofias de vida. O automatismo citado em Bergson (2004) está ligado, então, ao determinismo, isto é, “o autômato é aquele que age de forma determinista nos moldes da causalidade física sem uma motivação criadora, livre e imprevisível” (SANTOS; ROSSETTI, 2012, p. 65). Portanto, nada é mais antagônico à vida e risível que o automatismo.

A teoria de Bergson (2004), entretanto, não está condicionada apenas a corpos físicos. Segundo o autor, as instituições também são corpos sociais que, à medida que estão presas a modos de funcionamento rígidos, são passíveis de contestação através do humor. Bergson (Ibid.) considera que todo grupo social que deseja se desprender de valores coercitivos de determinada instituição é levado a criar mecanismos humorísticos satíricos, irônicos, debochados a fim de tecer uma crítica. É nesse sentido que o autor entende o riso como um “trote social” e ressalta sua função de ameaça e de potencial transformação (Ibid.).

O cristianismo pode ser considerado como uma instituição dogmática portadora de certa rigidez. Por sua vez, o humor, desde a antiguidade, opera como mecanismo de questionamento de dogmas cristãos, o chamado “trote social” apontado por Bergson (Ibid.). Na próxima seção, vamos nos ater à trajetória de representações humorísticas sobre o divino, o papel crítico e contestador desempenhado por algumas dessas representações e, principalmente, o posicionamento da Igreja com relação a elas. Interessa, em seguida, adentrarmos

ao campo da crítica humorística à religiosidade cristã contemporânea exercida pelo canal de humor para a internet Porta dos Fundos.

O riso e o cristianismo ao longo dos tempos

Steve Turner (2014, p. 149) escreve que “a comédia que uma cultura produz mostra seus valores, preconceitos e crenças, revela as preocupações [...] mostra o que é considerado sagrado e inviolável e o que pode ser ridicularizado”. A citação de Turner revela que o humor está atrelado à época em que é criado. O estilo e o cerne de uma comédia de séculos anteriores não são os mesmos de hoje. Todavia, a religião cristã persiste como o foco de piadas desde séculos longínquos. É fato que as críticas não são as mesmas, mas desde os gregos arcaicos o humor é utilizado como ferramenta para contestar aspectos do sagrado (Ibid.).

O historiador francês Georges Minois (2003) é autor de um extenso tratado sobre o riso ao longo dos tempos. Segundo o autor, a história e as investigações acerca do riso são bastante antigas. As perseguições e investidas contra o ato de rir também. O riso foi oficialmente contido e combatido por um longo período de tempo durante a Idade Média, entre os séculos V e X. A Igreja Católica considerava o ato de rir uma rebelião contra Deus e uma profanação da autoridade do clero. Na visão da liderança religiosa da época, rir era uma ferramenta criada pelo Diabo, uma força do mal para profanar a imagem da Igreja, a posição suprema de Deus e a ordem social dogmaticamente vigente. Então, profano na essência, o riso historicamente esteve associado de forma direta a questões de cunho político-religioso e chegou a ser considerado uma possessão demoníaca no período da inquisição (Ibid.).

Por sua vez, o período renascentista foi cenário de reações ainda mais incisivas contra o riso, principalmente devido aos bailes de carnaval. A diversão dentro dos bailes carnavalescos da renascença possuía papel visível e ativamente político, de modo que certas funções exercidas pela Igreja, bem como determinados *status* sociais mantidos na sociedade europeia, eram satirizados e ironizados, diferente do que ocorria no restante do ano. O clero, ameaçado por esse tipo

de festa, optava por interdita-las, pois o riso que vinha dos bailes era tido como propulsor de desordem e caos diante do seu potencial de contestação (Ibid.).

Minois (2003) explicita que o carnaval não só atentava contra a religião católica, como também ameaçava a ordem social pública como um todo e culminava, não raras vezes, em conflitos armados. Nesse sentido, o autor coaduna com a premissa de Bergson (2004) ao mostrar o humor como instrumento de contestação da rigidez de alguns corpos e instituições sociais, dentre elas a religiosa. Para a Igreja, transformar-se não era algo aceitável. Por isso, ameaças oriundas de festas profanas, por menores que fossem, tornavam-se “forças aliadas do mal” que deviam ser reprimidas a qualquer custo (MINOIS, 2003).

Dessa forma, e grosso modo, a cultura das elites – e aqui está presente a cultura católica – fortaleceu seu caráter livresco e esclarecido enquanto a cultura popular passou a ser constantemente relacionada a festas imorais e risíveis, como os bailes de carnaval de anseios subversivos e portadores de uma clara desordem que precisava ser erradicada na visão dos autodeclarados racionais e cultos. Por esse motivo, as investidas contra a cultura popular e o riso provocado por ela foram uma constante no século XVI e, também, durante todo o século XVII em diversos países da Europa. O riso, que já havia sido banido da Igreja por ser considerado impiedoso e pagão na Idade Média, continuou a ser perseguido como uma “praga” por violar o pudor e dissipar a ordem cristã. Papas e reis, impulsionados por pensadores cristãos de todas as tendências, uniram-se em um movimento de combate à zombaria popular durante os anos de 1550 a 1800 na tentativa de romper com um riso vulgar e questionador da moral político-cristã.

Tentar minar as festas de carnaval era possível, principalmente quando havia o uso da força armada. Mas seria possível acabar com o espírito do riso, não palpável e que não era praticado somente durante os carnavais? A resposta negativa é encontrada nos indícios que comprovam que o riso proibido envelheceu, mas sequer recuou, mesmo com as incansáveis tentativas da Igreja. Minois (2003) aponta que, na verdade, o riso amadureceu, isto é, fortaleceu-se em uma postura crítica e afirmou seu lugar de contestação nas sociedades europeias em

função da evolução do pensamento moderno. Dessa maneira, no século XVIII o riso perdeu muito de suas características meramente afrontosas e ultrajantes, manifestas apenas em festas carnavalescas, e assumiu uma nova existência com finalidade bem definida, transformando-se em um efetivo “instrumento intelectual da crítica, destruidor e a serviço da razão” (Ibid., p. 363).

No que lhe concerne, o século XIX foi palco de investidas enfáticas da ciência e do ateísmo. Em contrapartida, a Igreja, questionada e criticada, sobretudo pelo humor satírico, passou a se encolher e a se apegar como nunca aos seus valores universalizantes diante da consolidação de um mundo moderno. Assim, ainda mais do que em séculos anteriores, o riso teve seu aspecto diabólico reforçado pela Igreja por ser capaz de questionar dogmas e determinadas práticas religiosas em uma sociedade que passava por complexas transformações.

Em pleno século XXI, pesquisadores são enfáticos ao dizer que as sociedades, de modo geral, são sociedades humorísticas (MINOIS, 2003), sobretudo a sociedade brasileira (MORA, 2003, SALIBA, 2002, SANTOS; ROSSETTI, 2012). Com relação ao cristianismo, vimos que desde o período renascentista o riso foi um incômodo por se tratar de uma ferramenta contestatória. Ao longo dos tempos, diversos tabus e valores sofreram tentativas dessacralizadoras por parte de anseios cômicos. Hoje, a crítica humorística a modos de atuação do cristianismo permanece atuante. Nesse sentido, Minois (2003, p. 613) escreve:

O riso é misterioso como a liberdade e profundo como a felicidade. É por isso que ele inquieta as pessoas que se encerram na gaiola de suas certezas. O riso abre as gaiolas, e, livre, pode atacar tudo; como um tufão dessacralizante, abate deuses e ídolos.

Minois (2003) enfatiza que o dogmatismo religioso fundamentalista possui a capacidade de “prender” os indivíduos em gaiolas. Porém, o humor é capaz de abrir essas gaiolas para a expor outra visão de mundo. Turner (2014) dialoga com Minois (2003) e escreve que o humor nos apresenta “formas possíveis de pensamento que a convenção, a repetição e o reforço social não nos deixam ver, além de nos deixar menos propensos a aceitar as opiniões convencionais”

(TURNER, 2014, p. 153). Dito isso, temos que o humor contemporâneo é um humor herdeiro de um viés satírico e irônico muito forte que visa, em grande parte dos casos, a propor novas formas de se pensar a sociedade e romper com convenções institucionalizadas.

Após o decurso das duas primeiras seções, chegamos ao ponto no qual nos interessa: a análise do humor contemporâneo crítico a práticas da instituição religiosa cristã. Isso dito, nas próximas seções será analisado um vídeo humorístico que sugere algumas significações, isto é, desafia uma cosmovisão histórica e engrossa o coro de representações humorísticas que, desde a antiguidade, presta-se à dessacralização (BERGSON, 2004; TURNER, 2014; MINOIS, 2003).

Por dentro de Porta dos Fundos

Fundado por C. Hurley, S. Chen e J. Karim, o YouTube veio para fazer frente a concorrentes que tinham o objetivo de eliminar algumas barreiras técnicas para compartilhar vídeos na internet. Por se tratar de uma comunidade de conteúdo gerado pelos próprios usuários, o tamanho e a popularidade alcançados pelo YouTube são sem precedentes⁶. Pensando nisso, Jean Burgess e Joshua Green (2009, p. 13) afirmam que “quer você o ame, quer você o odeie, o YouTube agora faz parte do cenário da mídia de massa e é uma força a ser levada em consideração no contexto da cultura popular contemporânea”.

Nosso interesse consiste em analisar um vídeo do Porta dos Fundos, canal de humor do YouTube. Segundo o site oficial do canal, em março de 2012, cinco amigos se reuniram com o objetivo de veicular esquetes de humor na internet diante da falta de liberdade da TV brasileira. De acordo com um dos fundadores, a ideia inicial era levar à internet um humor de qualidade, livre de censuras, todos com tônica de humor crítico e, na medida do possível, polêmico⁷. O índice

6 A consagração do sucesso ocorreu em outubro de 2006, data em que o Google comprou o YouTube pela quantia de 1,56 bilhão de dólares. Dois anos após a compra, o site já figurava de maneira expressiva entre os dez mais visitados do mundo. Disponível em: <http://goo.gl/ByOjG>. Acesso em: 26 jun. 2016.

7 Disponível em: <https://bit.ly/2UpdM4b>. Acesso em: 26 jun. 2016.

expressivo de acessos deu ao canal o *status* de maior fenômeno da internet brasileira e o título de um dos maiores canais de entretenimento do mundo.

Uma das vertentes mais exploradas nos vídeos do canal consiste justamente na crítica a aspectos da religião cristã. No dia 8 de outubro de 2012, o canal publicou o primeiro vídeo de temática religiosa. A partir de então, várias outras produções que direta ou indiretamente se propõem a questionar dogmas e práticas do cristianismo estão disponíveis on-line. O vídeo escolhido para análise é intitulado “Deus”. A produção de 3’20” de duração foi publicada no dia 21 de março de 2013 e já possui quase 12 milhões de visualizações⁸. A escolha por esse vídeo se dá devido ao conteúdo que corrobora com o referencial teórico anteriormente explanado e, sobretudo, pela repercussão gerada na internet⁹.

A análise do vídeo será feita com base no seguinte roteiro: (1) descrição do vídeo; (2) reconhecimento do tema central; (3) análise dos enquadramentos de processos interativos (BATESON, 2000), de modo a responder as perguntas: (a) qual o posicionamento adotado por cada ator e atriz?; (b) como se dá a sequência de embates de críticas e respostas?; (c) como a sequência de interações tensiona o monoteísmo cristão?; (d) quais valores são criticados?; e (4) análise do formato discursivo e do tipo de humor construído.

Deus em questão

Em síntese, o vídeo “Deus” mostra Judite (Clarice Falcão), que acorda em um lugar vazio sem saber o que está acontecendo. Incomodada, começa a procurar por algo ou alguém até que se depara com um homem (Rafael Infante) que diz ser Deus e que Judite havia morrido. A mulher possui dificuldade em aceitar a figura a sua frente. Deus explica que toda civilização acredita em alguma coisa e que o povo que esteve correto o tempo todo foi o pessoal da tribo da Polinésia. Como forma de se defender, a mulher diz que “não sabia”. Deus afirma que ela

8 Disponível em: goo.gl/vDn9zH. Acesso em: 26 jun. 2016.

9 Lideranças religiosas cristãs empenharam-se em movimentos para tirar esse e outros vídeos do canal do ar. Veja em: <http://goo.gl/oM6YzZ> e <http://goo.gl/3gfNT2>. Acesso em: 26 jun. 2016.

nunca saberia de fato, pois escolheu erroneamente o Deus católico. Inconformada, pergunta se seguir o cristianismo foi uma atitude vã durante toda a vida. Como resposta, é chamada de “otária”. Judite, então, conforma-se com o fato de não ser salva, mas faz um pedido inusitado: “quando o Malafaia morrer, posso vir dar a notícia?”.



Figura 1: Judite, interpretada por Clárisse Falcão, e Deus polinésio, interpretado por Rafael Infante
Fonte: Deus (2013).

O vídeo faz humor ao imaginar um momento previsto no cânone bíblico, no livro de Apocalipse (20: 12-15): o juízo final. De acordo com a narrativa bíblica, trata-se do julgamento divino no momento pós-morte de alguém, no qual Deus avalia a vida da pessoa a fim de outorgar-lhe o direito de entrar no céu ou condená-la à eternidade no inferno. A inspiração para o roteiro, escrito por F. Porchat, surgiu do fato de o ator ficar impressionado com “como as pessoas lutam até a morte por conta de ideias que elas nem sabem se são verdadeiras” (TABET et al., 2013, p. 202). Dessa forma, a ênfase da descrição do vídeo está centrada nas possibilidades de cada pessoa criar uma concepção diferente acerca de deuses igualmente distintos. Vejamos:

Como você imagina Deus? Uns gostam de pensar num velhinho gigante de barba cinza, outros em um cara muito rico e sem nada pra fazer jogando bolinha de gude no fundo infinito. Já o Totoro prefere pensar no Morgan Freeman de terno branco. "Achismos" à parte, já dizia Woody Allen: "Se Deus existe, é bom que ele tenha uma boa desculpa".¹⁰

O posicionamento de Judite em cena revela uma mulher incomodada com o fato de ter agido segundo normas do cristianismo durante toda uma vida. Durante o vídeo, a atriz que dá vida à personagem não explora muito os braços, mas abusa de expressões faciais para expressar indignação por não ter se dado conta que sua crença poderia estar errada. O ator que interpreta Deus, por sua vez, explora os braços na tentativa de crescer sobre a personagem a sua frente. A voz é imposta, grossa, de modo a mostrar poder. Além disso, a vocalidade é permeada por risos debochados.

Para as análises de processos interativos entre os personagens, optamos por recortar algumas falas e, em seguida, extrair os sentidos tecidos por elas. Logo nos primeiros segundos do vídeo, o diálogo entre Judite e Deus situa o telespectador sobre o que acontece em cena:

DEUS: Você morreu.

JUDITE: O quê?

DEUS: Desencarnou e veio parar aqui.

JUDITE: E você é quem?

DEUS: Deus. Eu sou Deus. Deus!

JUDITE: Como assim você é Deus?

DEUS: Ué, assim. Sendo assim! Toda civilização acredita em alguma coisa, não é? Alguma tinha que estar certo, correto? E não é que esse tempo todo quem estava certo era o pessoal da tribo da Polinésia?

JUDITE: Caralho...

DEUS: E como você não seguiu à risca nossos dogmas, nossas estruturas linguísticas, você vai arder no infinito.

Segundo a ortodoxia cristã, todo ser humano, independente de sua crença, será julgado após a morte de acordo com a sua fé e as suas obras. Até esse

10 Disponível em: <https://goo.gl/v8Eu0n>. Acesso em: 26 jun. 2016.

ponto, o vídeo não inova, pois mostra justamente uma mulher que faleceu e está prestes a passar por seu julgamento final. Todavia, em um país onde a maioria da população é católica ou protestante¹¹ – e em um mundo onde mais da metade da população está dividida entre quatro religiões principais¹² –, o vídeo começa a operar a construção do humor através da exposição de uma personagem que falhou durante a vida ao escolher crer em uma entidade sobrenatural que não existe. Conforme apontado por Bergson (2004) e Propp (1992), o canal tende a despertar o riso à medida que expõe um corpo encerrado a regras de uma instituição que está em vias de ser desacreditada.

Dessa forma, no momento em que Judite pergunta se o ser a sua frente é mesmo Deus e obtém resposta positiva, o vídeo problematiza a visão monoteísta. O fato de instaurar o questionamento “e se...” e dele querer provocar o riso faz com que o canal proponha um questionamento a respeito da crença e da pretensão de validade absoluta do cristianismo. Ao mostrar uma entidade polinésia como divina, o vídeo se desprende de uma concepção religiosa que exerce certo domínio e prestígio na sociedade e relativiza a tríade da onipotência, onisciência e onipresença da divindade cristã.

Em seguida, o vídeo é ainda mais direto e, em dado momento, enquadra o cristianismo como uma opção “errada” ao mesmo tempo em que mostra o Deus polinésio repleto de deboche. Para F. Porchat, o objetivo é contrapor a seriedade com a qual o cristianismo reporta o seu Deus com a visão de um Deus divertido, que não tem pressa para ser conhecido entre os povos (TABET et al., 2013). No vídeo, o ator R. Infante interpreta um Deus que sabe rir de si mesmo, que faz piada com a condenação de alguém, que não se incomoda quando a personagem diz que os polinésios são desconhecidos e que, principalmente, não enxerga o

11 A mais recente pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) aponta que no ano de 2010 o Brasil possuía 190.755.799 habitantes, sendo que, desse número, 123.280.172 pessoas declararam-se católicas apostólicas romanas e 42.275.440 declararam-se evangélicas (membros de denominações protestantes históricas, pentecostais ou neopentecostais). Isso equivale dizer que o Brasil é, percentualmente, o país mais católico do mundo e um dos mais protestantes também. Fonte: IBGE – Censo Demográfico 2010. Disponível em: <http://goo.gl/gfHGwB>. Acesso em: 26 jun. 2016.

12 As quatro maiores religiões do mundo são: cristianismo, islamismo, budismo e hinduísmo. Fonte: Brasil Escola. Disponível em: <http://goo.gl/x9hVHF>. Acesso em: 26 jun. 2016.

“infinito”¹³ como um lugar tão ruim, uma vez que lá estão “Gandhi, Madre Teresa de Calcutá, João Paulo II, Einstein entre outros”. O ápice da representação de um Deus sarcástico está no momento em que ele diz para Judite que ela seria salva se dançasse de barriga no chão. Judite dança, Deus ri e diz “otária” como forma de exprimir que ele só queria se divertir à custa do desespero da mulher.

Ainda dentro da lógica de que o vídeo trabalha com a implantação da dúvida acerca da veracidade do cristianismo, destacamos que a produção tensiona a questão do cumprimento de mandamentos e demais dogmas cristãos. Em certo momento, Judite, inconformada por ter seguido à risca os mandamentos bíblicos, exprime: “Então quer dizer que eu fui à missa todo domingo, não traí meu marido, dei meu dinheiro para os pobres e tudo...” (DEUS, 2013).

Aqui, interessa expor o comportamento rígido de Judite, comportamento esse que tende a despertar o riso. Quando a personagem diz que cumpriu à risca todos os mandamentos bíblicos, sobretudo os dez que estão listados no livro de Êxodo (20: 2-17), o canal ridiculariza a estrutura religiosa que ditou o comportamento de uma pessoa durante toda a vida. O riso do Deus polinésio (e por consequência o riso dos telespectadores) é um “trote social” (BERGSON, 2004) que reprime o dogmatismo de alguém que se privou dos “prazeres da vida” em prol de uma recompensa que não acontecerá de acordo com o desfecho criado. A mecanicidade – automatismo – operadora da vida de Judite é o aspecto que possibilita ao canal a oportunidade de fazer humor e, não menos importante, criticar a forma como a cosmovisão religiosa cristã se impõe para os fiéis.

Firmando mais essa concepção do canal, isto é, que o conjunto de mandamentos bíblicos enrijece, o vídeo caminha para o encerramento que pode ser considerado o ponto alto da produção, em que Judite diz: “Posso fazer um pedido? Quando o Malafaia morrer, posso vir dar a notícia?” (DEUS, 2013).

13 Cremos que “infinito” é utilizado como sinônimo de “inferno”. Como o Deus do vídeo não é o Deus cristão, e diante do fato que “inferno” é um termo da ortodoxia cristã, é de interesse do canal não utilizar tal expressão para não haver semelhança entre o vocabulário do Deus representado e do Deus presente nas narrativas bíblicas.

O pedido, inesperado e de alto teor irônico, é a deixa encontrada pelo canal para criticar a forma como lideranças religiosas fundamentalistas pretendem universalizar dogmas cristãos ao creditar ao cristianismo o status de única religião verdadeira. A segunda crítica está voltada para o comportamento desses líderes religiosos que, diante da pretensão de universalização, são absolutamente intolerantes ao direito de escolha de outras pessoas. Em suma, o vídeo em si é irônico ao passo que apresenta o Deus verdadeiro de um lugar inusitado, mas, também, na compensação final requerida por Judite: o prazer de “dizer a verdade” a alguém que se arvora em ser o dono dela, Malafaia¹⁴.

Considerações finais

De acordo com Bergson (2004) e Propp (1992), o riso funciona como uma espécie de “trote social” capaz de corrigir problemas que não são passíveis de correções materiais, isto é, possui tendência inerente de correção de comportamentos tidos, de certo modo, como irreflexivos (rígidos). Ainda segundo os autores, é possível rir de todo processo que rompe com (ou inibe) o fluxo dinâmico da vida, como, por exemplo, o dogmatismo religioso, capaz de prender as pessoas “nas gaiolas de suas certezas” (MINOIS, 2013, p. 613).

Ao longo da história, o humor foi utilizado como instrumento para atacar a instituição cristã devido à forma como esta impunha verdades universalizadas. No século XXI, o humor continua a balançar as estruturas do cristianismo ao apontar lacunas entre a racionalidade de uma sociedade secularizada e o discurso religioso cristão que, de certo modo, não condiz com os limites da razão e do respeito. À vista disso, Turner (2014, p. 150) afirma que “a comédia tem se tornado cada vez mais inteligente [...], mas também mais maldosa e desejosa de quebrar tabus”. Desta maneira, o canal de humor para a internet Porta dos Fundos, maior canal

14 Silas Malafaia é pastor, televangelista e um dos principais líderes da Igreja Assembleia de Deus do Brasil, pertencente a denominação pentecostal. Malafaia é famoso por seus posicionamentos enfáticos acerca da veracidade bíblica cristã e da centralidade do cristianismo em detrimento de outras religiões. É frequentemente chamado de fundamentalista e acusado de ser contrário ao direito de mulheres e de homossexuais.

de humor brasileiro em número de visualizações, tornou-se objeto de estudo por mostrar-se disposto fazer humor com aspectos cristãos.

O método encontrado para despertar o riso foi o “princípio da irreflexão” (BERGSON, 2004; PROPP, 1992). A personagem Judite é risível à medida que sua expectativa de ser salva por sua crença é interrompida por uma entidade metafísica diferente. Dessa maneira, o canal expõe uma mulher que, em vida, se entregou ao automatismo religioso – como ir à missa com regularidade, cumprir à risca os mandamentos bíblicos – e coloca em perspectiva a fragilidade da crença monoteísta quando há tantos outros discursos similares ao redor do mundo.

Através da análise do vídeo, é possível dizer que a releitura do juízo final empregada pelo canal está relacionada à necessidade de confrontar a tradição e pensar novas formas de interpretação do dogma que roga para si a unicidade e veracidade do Deus cristão. O humor – satírico e irônico – é favorável a liberdades individuais e considera que cabe a cada ser humano decidir o que é melhor para si, uma vez que em um mundo com tantos deuses ninguém possui garantia de nada. Da mesma forma, o vídeo é responsável por contrapor sua visão e a visão de cristãos fundamentalistas que acreditam que a verdade das escrituras bíblicas deve se impor a todos e que a tradição necessita de ser preservada em prol de uma estabilidade social moral.

Referências

BATESON, G. Uma teoria sobre brincadeira e fantasia. *In*: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (org.). *Sociolinguística interacional*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002. p. 85-106.

BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

BERGSON, H. *O riso: ensaio sobre a significação da comicidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BÍBLIA Sagrada. A. T. Êxodo 20: 2-17. Tradução João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993. p. 102-103.

BÍBLIA Sagrada. N. T. *Apocalipse* 20: 12-15. Tradução: João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993. p. 1783.

BURGESS, J.; GREEN, J. *YouTube e a revolução digital: como o maior fenômeno da cultura participativa está transformando a mídia e a sociedade*. São Paulo: Aleph, 2009.

CÉSAR, E. M. L. *História da evangelização do Brasil: dos jesuítas aos neopentecostais*. 2. ed. Viçosa: Ultimato, 2000.

DEUS. [S.l.: s.n.], 2013. 1 vídeo (3 min). Publicado pelo canal Porta dos Fundos. Disponível em: <https://bit.ly/29OmHmm>. Acesso em: 5 abr. 2019.

DOGMA. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/2YPxsNi>. Acesso em: 26 jun. 2017.

LAICIDADE. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2015. Disponível em: <http://goo.gl/jA0GSU>. Acesso em: 24 mar. 2015.

MARIANO, R. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 18, n. 52, p. 121-138, 2004.

MARIANO, R. Laicidade à brasileira: católicos, pentecostais e laicos em disputa na esfera pública. *Civitas*, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 238-258, 2011.

MARTINO, L. M. S. *Mídia, religião e sociedade: das palavras às redes digitais*. São Paulo: Paulus, 2016.

MINOIS, G. *História do riso e do escárnio*. São Paulo: Editora Unesp, 2003.

MONTERO, P. Controvérsias religiosas e esfera pública: repensando as religiões como discurso. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 32, n. 1, p. 167-183, 2012.

MORA, C. M. (coord.). *Sátira, paródia e caricatura: da antiguidade aos nossos dias*. Aveiro: Universidade do Aveiro, 2003.

NEWBIGIN, L. *O evangelho em uma sociedade pluralista*. Viçosa: Ultimato, 2016.

PIERUCCI, A. F. Secularização e declínio do catolicismo. In: SOUZA, B. M.; MARTINO, L. M. S. (org.). *Sociologia da religião e mudança social: católicos, protestantes e novos movimentos religiosos no Brasil*. São Paulo: Paulus, 2004. p. 13-22.

PROPP, V. *Comicidade e riso*. São Paulo: Ática, 1992.

SALIBA, E. T. *Raízes do riso: a representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SANTOS, R. E.; ROSSETTI, R. *Humor e riso na cultura midiática: variações e permanências*. São Paulo: Paulinas, 2012.

TABET, A. P.; PORCHAT, F.; ESTEVES, G.; DUVIVIER, G.; CASTRO, J. V.; SBF, I. *Porta dos Fundos*. Rio de Janeiro: Sextante, 2013.

TAYLOR, C. *Uma era secular*. São Leopoldo: Unisinos, 2010.

TURNER, S. *Engolidos pela cultura pop*. Viçosa: Ultimato, 2014.